

Atuação profissional do educador musical: terceiro setor

Alda de Oliveira

PPG-Música – UFBA
Membro da SONARE Ltda.
e-mail: olival@ufba.br

Resumo. Este texto reflete sobre a formação de professores de música diante das modificações impostas pelo mercado de trabalho atual em mudança, especialmente no setor das organizações não governamentais (ONGs).

Palavras-chave: formação, professores de música, ONGs

Abstract. This text reflects on the preparation of music teachers challenged by the several changes influenced by the different types of jobs and tasks in modern society, specially at the non governmental organizations (NGOs).

Keywords: training, music teachers, NGOs

Lendo os textos de Cristina Grossi e de Cássia Virgínia Souza¹, comecei a refletir sobre os mercados de trabalho para os formandos em licenciatura em música e os docentes que já trabalham na área em escolas e cursos particulares. Interessei-me também pelo capítulo do livro organizado por Colwell (1992) sobre o ensino de diferentes habilidades musicais e de conhecimento em diferentes contextos educacionais. Estimulada por esses materiais, comecei a refletir sobre o assunto com base na experiência que tive na criação e desenvolvimento de uma ONG em Salvador. Espero que a partir das informações que apresento o tema possa despertar expectativas, questões, reflexões

e propostas para uma educação musical afinada com o seu tempo.

A autora Froehlich (1992, p. 561) ressalta que, apesar das diferenças dos ambientes, existem nos Estados Unidos, por exemplo, aspectos comuns que podem ser observados como um ensino de música que pretende desenvolver a compreensão de conceitos de música através de habilidades de discriminação musical, que, no ensino elementar (em geral compulsório), objetiva equipar a pessoa para fazer escolhas educadas sobre música no futuro. E que no ensino médio inicial é obrigatório ou eletivo, dependendo das leis do estado

¹ Cristina Grossi foi a coordenadora do Fórum 4 do XI Encontro Anual da ABEM, cujo tema foi "Atuação Profissional: Quais mercados de trabalho?" (2002). Membros da mesa: Alda de Oliveira, Cássia Virgínia Souza, Ana Lúcia Louro. Observador externo: Carlos Kater.

ou das decisões dos conselhos locais. Em todos os casos do ensino médio, o objetivo do ensino geral da música está mais na integração do conhecimento e na construção do conhecimento (descoberta) do que na aquisição de habilidades e conhecimentos testados. Por outro lado, no ensino médio avançado (geralmente de caráter eletivo em banda, coral ou orquestra), o objetivo é desenvolver habilidades vocais ou instrumentais e conhecimentos básicos sobre estilo, sendo o processo muito competitivo. Assim, nessa fase, o aluno deve se tornar membro de um grande conjunto musical dentro da escola e ter conhecimentos fundamentais suficientes para ser um *performer* ativo e auto-suficiente. Tanto no método de ensino particular individualizado como no ensino escolar em grupo, existe ainda a dicotomia entre o desenvolvimento de habilidades específicas de *performance* e o ensino que envolve a aplicação de conceitos. A autora fala também sobre o impacto da tecnologia de música e da tecnologia educacional no ensino de música. Fatores como esses acima podem influenciar muito as opções de mercado de trabalho para o educador musical. Hoje, o licenciado precisa estar atualizado não somente nas metodologias e habilidades de *performance*, mas também nas tecnologias e diferentes formas de administração de ensino e produção cultural.

Na realidade brasileira ainda está presente a dicotomia entre prática e teoria nos vários níveis de ensino. Além disso, existem problemas graves de seqüenciamento da aprendizagem devido a fatores como: número insuficiente de professores de música, falta de livros didáticos e de instrumentos musicais, falta de continuidade dos alunos nas turmas de um ano para o outro, ausência de sistemas de avaliação adequados para a música e as artes. A discrepância entre a prática de ensino e as reco-

mendações dos textos que guiam as decisões curriculares nas escolas são freqüentes. Já há algum tempo sabemos que não dispomos de um número suficiente de professores especializados em música para desenvolver as habilidades necessárias em música no nível fundamental. Os professores generalistas, em geral, fazem atividades de execução com as crianças como atividade de lazer ou como auxílio para outras disciplinas. Ao contrário do que recomenda a área, o ensino específico de música é obrigatório no nível médio. Aqui o objetivo é proporcionar conhecimentos gerais de música, para que o aluno possa aumentar a sua bagagem cultural, não preparando o aluno para enfrentar um exame de vestibular para o curso superior de música ou para participar de um conjunto musical como orquestra, banda ou coral. Algumas escolas, no entanto, oferecem atividades de coral ou banda como eletivas, mas, em geral, não incorporam atividades de literatura ou de leitura musical. Alguns educadores já questionam a obrigatoriedade do ensino de música no nível médio, pois é justamente na fase da adolescência que o trabalho de ensinar música se torna mais difícil para o professor. No nível fundamental a atividade musical e artística é em geral prazerosa e atraente, o que torna a tarefa para o professor mais facilitada. As escolas ainda não têm clareza quanto à necessidade de atingir os objetivos de compreensão de conceitos e de levar o aluno a fazer escolhas educadas musicalmente. Mesmo havendo os documentos orientadores, ainda há muita indecisão a respeito de para onde conduzir os alunos.

Dessa maneira, torna-se ainda mais difícil a construção das PONTES² de ensino e aprendizagem, de seqüenciamento, de escolha de repertórios, de desenvolvimento de habilidades e conceitos. Sentimos muito a ausência de um planejamento

2 PONTES: termo usado pela autora para referir-se às Estruturas de Ensino e Aprendizagem que servem para interligar o que o professor vai ensinar aos saberes que o aluno já possui. Os termos "estruturas de ensino e aprendizagem" foram usados em textos da década de noventa para exprimir o planejamento em conjuntos significativos para cada tipo de repertório e de ação didática. Essa terminologia contrasta com a concepção de planejamento por planos de aula, que são organizados tendo como referência os objetivos, o tempo disponível para a aula e, em geral, a partir de conteúdos. Já as PONTES são concebidas pela autora como atividades integradas às necessidades do aluno, da escola, do professor e da área de conhecimento, são fechadas em si mesmas, ou seja, os tamanhos e a complexidade dependem da TOTALIDADE da ação educacional (com completude), são orgânicas (adequadas ao momento) e significativas musicalmente (o repertório musical e o nível de desenvolvimento do aluno são a base inicial para a reflexão e para o seqüenciamento das atividades). Visando tornar a explicação mais didática, compus a seguinte orientação descritiva para as PONTES:

[P]ositividade. Abordagem positiva, segura. Perseverança, poder de articulação e habilidade de manter a motivação do aluno;

[O]bservação. Capacidade de observar cuidadosamente o aluno, o contexto, as situações do cotidiano, os repertórios, as representações;

[N]aturalidade. Simplicidade nas relações com o aluno, naturalidade com os conteúdos do currículo escolar e de vida, com as instituições, o contexto e os atores;

[T]écnica competente, adequada a cada situação didática; habilidade para reaplicar, compor e desenvolver novas e adequadas estruturas de ensino/aprendizagem;

[E]xpressão: criatividade, habilidade de expressar-se, esperança e fé no desenvolvimento, aprendizagem e expressividade do aluno;

[S]ensibilidade às diferentes músicas e às diferentes linguagens artísticas.

curricular que ofereça oportunidades para que o aluno possa desenvolver uma visão global da música, dos estilos, dos instrumentos musicais, das formas, dos repertórios das músicas do mundo, da apreciação crítica, da composição e da improvisação, assim como da não incorporação dos saberes do aluno e dos elementos da sua cultura. Quando isso acontece, o sistema não incorpora os saberes de forma a agregar valor, conhecimento e reconhecimento dos saberes.

Fizemos essa recapitulação de problemas visando a contrastar a situação brasileira com as realidades dos países desenvolvidos. Contudo, insisto em deixar claro que, apesar de todos esses entraves, temos também facilidades e pontos positivos que tornam o indivíduo no nosso contexto uma pessoa musical ou musicalizada. As crianças que aprendem música na rua, nas creches, associações de bairro, ONGs ou em casa, sozinhas ou com a TV, o rádio ou familiares e amigos são exemplos vivos disso. Apesar das defasagens que ocorrem no contexto educacional, a música brasileira é muito divulgada, a população tem laços muito estreitos com a música, a atividade comercial em música é muito grande, o número de bandas jovens tem crescido muito e existem muitas experiências educacionais em música, e nas artes, de muito valor. Muitos indivíduos aprendem um pouco na escola e, mesmo com esse pouco, fazem muito na sua vida profissional. Mas como, onde e quando acontece o desenvolvimento musical da população?

Temos dados recentes de pesquisa³ feita com jovens que tocam em bandas de música popular que mostram o desejo desses jovens em aprender muito mais de música do que é oferecido nas escolas ou na rua. Até mesmo fazem críticas ao ensino e propõem atividades que possam ajudar o processo de profissionalização dos grupos musicais.

Diante das questões levantadas no texto de Cristina Grossi e de Cássia Coelho para esse Fórum, vou abordar mais especificamente as demandas do mercado de trabalho das ONGs (chamado terceiro setor) e demais espaços alternativos como associações de bairro, creches, casas e cursos de apoio ao idoso e aos portadores de necessidades especiais. Isso porque esse mercado

de trabalho está em franco desenvolvimento para o educador musical, e porque tenho vivenciado recentemente essa realidade. Como sabemos, a formação do educador musical ainda não inclui conhecimentos ou mesmo disciplinas que dêem fundamentação e competências necessárias para tal. Aspectos desse mercado precisam ser discutidos e clarificados. Quando estávamos criando e organizando o projeto da Escola Pracatum (1996-2000)⁴, por exemplo, vivenciamos realidades bastante diferentes daquelas para as quais, em geral, o curso de licenciatura em música das universidades prepara o aluno. Vou ressaltar algumas características vitais para um bom desempenho dentro dessas realidades.

Uma ONG é uma organização não governamental criada para solucionar problemas específicos de um contexto sociocultural, que, de outra forma, não seriam solucionados pelo governo ou pela sociedade em geral. Um grupo de pessoas capacitadas e comprometidas com a missão da ONG precisa estar unido em torno dos objetivos, das metas, das atividades e dos problemas surgidos, a fim de que as propostas principais da instituição sejam cumpridas e a sobrevivência auto-suficiente seja atingida e mantida.

Durante a etapa de seleção da equipe de trabalho, vimos como é importante o relacionamento entre as pessoas, o sistema de seleção e avaliação, as formas de comunicação dentro e fora da equipe com os órgãos de financiamento do projeto, o sistema de valores de cada um, os hábitos de vida, o caráter e as coisas com que se identifica (religião, repertório musical, etc.). Na realidade, são pelas características e qualidades mais sutis que as pessoas se diferenciam e se qualificam para o mercado de trabalho.

Dentre as dificuldades que uma equipe pode passar estão a forma de avaliar não somente o conhecimento e as competências de cada candidato, mas principalmente as coisas menos perceptíveis e vistas geralmente como adereços da personalidade, que, ao longo do tempo na instituição, vão se tornando elementos de destaque e fatores de atrito ou de expressão de unidade da equipe. Asseio pessoal, vestuário, repertório de termos e gírias na fala, expressão vocal e timbre da voz

3 Pesquisa integrada (2000-2002) apoiada pelo CNPq, desenvolvida pelas Dras Jusamara Souza, Liane Hentschke e Alda de Oliveira: *Articulações pedagógicas em ambientes escolares e não escolares: estudos multicaseos*.

4 Nesse período participei da equipe do projeto de criação da Escola Pracatum, by Carlinhos Brown, Profissionalizante de Músicos. Em 1987-1988 fui diretora da escola e nos demais anos, participei do Conselho Deliberativo da Associação. Atualmente, a coordenadora pedagógica é Flávia Candusso, Mestre em Educação Musical pela UFBA, que trabalhou sob a minha orientação. A sua pesquisa foi sobre a banda Lactomia, que inclui vários alunos da Escola Pracatum e é liderada por Jair Rezende.

(agradável ou incômodo), gestual do corpo, habilidades de relacionamento e comunicação interpessoal, atualização e vontade de aprender continuamente, capacidade de liderança, flexibilidade para admitir e trabalhar o erro, aceitação das diferenças grupais, capacidade de análise das diversas situações-problema e outros inúmeros detalhes podem ser elementos que irão facilitar ou não a afinidade profissional e emocional do professor com o seu trabalho na instituição.

No mercado de trabalho das ONGs, o membro da equipe precisa entender a estrutura de funcionamento da instituição, assim como quais são os interesses e expectativas das instituições que apóiam financeiramente o projeto. A capacidade de análise de estruturas de funcionamento e de seus recursos financeiros, humanos e materiais precisa ser estimulada e estar muito clara nas mentes dos seus colaboradores.

Os aspectos da formação musical são importantíssimos para o perfil daquele que vai trabalhar numa ONG que tem a música como elemento básico, pois definem realmente o que pode acontecer como atividades músico-pedagógicas na prática. O gosto musical, os níveis das habilidades musicais (voz e instrumento), a capacidade criativa e expressiva, o nível de apreciação crítica do repertório musical, a autocompreensão sobre os próprios saberes e competências, sabedoria e modéstia mas, ao mesmo tempo, autoconfiança e alegria pelo que consegue fazer, a capacidade de trabalho interdisciplinar e as habilidades de negociação administrativa e pedagógica podem interferir decisivamente para o sucesso do profissional numa determinada ONG. A inteligência lógico-pedagógica visando atuação adequada no ensino, através de um bom seqüenciamento de atividades e repertórios, tomando em conta os diversos fatores de variabilidade da população e da instituição, é uma das principais qualidades a serem observadas no profissional da equipe.

Porém, muitos desses pontos em destaque não são trabalhados nos cursos de treinamento de professores de música e, assim, nesse tipo de mercado de trabalho, onde os salários são até mesmo mais altos que nas escolas regulares, o índice de satisfação da instituição pela *performance* no trabalho do profissional varia muito. Às vezes, o professor é muito competente em música mas não tem um maior entendimento pedagógico ou administrativo, ou até em capacidades de relacionamento pessoal. Assim sendo, nos testes de seleção e de treinamento de recursos humanos a equipe diretora do projeto tenta verificar mais de

perto as qualidades e problemas de cada candidato a administrador, captador de recursos, professor, secretário ou artista em residência na ONG.

Atualmente, o repertório musical varia muito de contexto a contexto. Como as ONGs, em geral, se propõem a atuar para o desenvolvimento da cidadania, usando a música como elemento agregador e de desenvolvimento psicossocial e estético, o trabalho dentro desses mercados tem altas expectativas do profissional que espera trabalhar no terceiro setor. Abertura mental para aceitação do gosto dos alunos e dos demais professores, habilidades gerais e específicas para executar, apreciar, analisar e compor músicas de estilos diversos e de vários locais e compositores, capacidade de organização pedagógica e artística para estimular a ONG e a comunidade a dar suporte para a entidade e para os profissionais, elevando a autoestima profissional e artística de todos e mantendo o apoio à instituição como um todo.

Outro ponto a ressaltar é a competência para a pesquisa, pois dentro das ONGs é necessário documentar as atividades, avaliá-las e fazer análises qualitativas e quantitativas do progresso de todos os participantes, assim como fazer autodiagnoses e previsões de planejamento futuro. Além do cuidado com a documentação da atuação, ainda existem as pesquisas sobre a realidade do entorno e dos moradores do local, suas histórias e produtos, suas necessidades atuais e futuras.

Muito relevante é a capacidade e o treinamento para a flexibilidade, sem contudo o profissional ser desorganizado e sem objetivos, estruturas ou metas. É com a capacidade para a flexibilidade que o membro da equipe pode perceber o outro e adaptar-se às necessidades que vão surgindo no cotidiano da organização. A pessoa que trabalha com liberdade e flexibilidade aprende a respeitar também a liberdade do outro e as decisões da equipe e seu sistema (hierárquico ou cooperativo) de funcionamento, podendo ter mais sucesso do que aquela pessoa que é mais rígida nos seus conceitos de desenvolvimento e administração institucional.

Para observar a competência metodológica dos candidatos, as organizações tendem a fazer testes preliminares de seleção básica e geral, resultando em um número maior do que o que vai contratar, e em seguida oportunizam um treinamento geral e detalhado para atingir os objetivos da ONG. Esse treinamento é, geralmente, bastante sutil e organizado, pois os detalhes maiores das características dos candidatos se mostram, às ve-

zes, fora das atividades regulares, ou seja, nos intervalos, nas refeições, nos recreios, nas atividades artísticas e sociais. Essa consciência precisa estar presente nos cursos de formação de profissionais em música, para que as oportunidades nesse mercado de trabalho possam ser melhor aproveitadas por aqueles que se interessam pelo assunto.

Recentemente tive oportunidade de conhecer vários formandos que têm preferido ingressar em ONGs a trabalhar em escolas superiores e conservatórios, não só pela oferta de salários e posições mais gratificantes, mas também pelo tipo de trabalho a ser desenvolvido com os alunos, que, em geral, é mais artístico, oferece mais chances de criação individual, é mais flexível em horários e metodologias, além de oferecer uma maior visibilidade dentro da comunidade.

No texto de Cristina Grossi (p. 2) ela lembra que é importante “voltar nossa atenção para os vários saberes das pessoas”. Concordo plenamente. Muito especialmente nas ONGs, o profissional precisa estar preparado para autoconhecer-se e desenvolver-se continuamente, para avaliar a sua atuação diante dos saberes do outro, avaliar o outro em relação aos objetivos da entidade, em relação a ele próprio e aos colegas. Não adianta apenas querer fazer: a pessoa precisa ter a capacidade de saber os seus limites e competências, a fim de estar no seu lugar certo, onde possa desenvolver-se e fazer as suas tarefas com desembaraço, desenvoltura e competência criativa. Para esse desempenho, o profissional pode desenvolver o hábito de planejar por PONTES e não somente por planos de aulas.

Para desenvolver o aluno, tanto em grupo como individualmente, o professor de música usa competências para ensinar não somente conceitos musicais mas também algumas habilidades de *performance* e composição, pois todos são importantes. Para facilitar esse desenvolvimento, o professor precisa ter consciência principalmente de para onde o aluno deve ir, a fim de construir as pontes com elementos seqüenciados que levarão o aluno aos resultados previstos. De acordo com Froehlich (1992, p. 562), seqüenciamento é “uma progressão ordenada e contínua de atividades de

ensino que vão do ponto A ao ponto B. Essa progressão é intencional e pode ir do simples ao complexo, do familiar ao não-familiar, do fácil ao difícil, ou do conhecido ao desconhecido”⁵. Raciocinando e agindo com lógica pedagógica dentro de um ensino significativo de música, o profissional estará, sem dúvida alguma, contribuindo para chegar aos objetivos com eficácia e eficiência, sabendo também lidar com flexibilidade nos imprevistos e falhas.

Ao iniciar as atividades com o projeto da Escola Pracatum (no Candeal Pequeno de Brotas, em Salvador, Bahia), percebi que alguns colegas e companheiros de profissão viam a minha escolha com olhares desconfiados e preconceituosos. Por estar perto de pessoas simples, de níveis socioeconômico e educacional mais baixos, na sua maioria da raça negra, e que, em geral, lidam com tambores e instrumentos de percussão, levantava atitudes de estranhamento. Não presenciei reações extremamente negativas, mas algumas atitudes de descrédito e dúvida. Porém, ao contrário dessas reações mais negativas do lado acadêmico, vivenciei reações muito positivas de pessoas da própria comunidade, de políticos, de artistas, de professores universitários com mentalidade mais aberta e também de financiadores. A capacidade de enfrentamento dos problemas oriundos do preconceito é também muito necessária ao profissional e precisa de esclarecimentos e preparação, pois, caso o licenciado tenha uma personalidade mais sensível, poderá não ter os argumentos e o temperamento para sobrepor-se, e, assim, fracassar. No meu caso, o trabalho de equipe ajudou a preparar os profissionais para esses preconceitos. O enfrentamento de problemas de identidade são muito relevantes na formação do educador musical, pois, para que ele tenha sucesso profissional e pessoal, as identificações precisam ser verdadeiras, firmes e conscientes⁶.

Outro problema na formação de licenciados é a dificuldade de pensar o planejamento das ações educativas de acordo com a missão das instituições contratantes. Dentro das habilidades em planejamento, está a do profissional pensar com os olhos e os sentimentos do outro, em vez de somente pensar e planejar através da sua própria ótica. Numa ONG, é muito importante a obtenção

5 Existem, no entanto, discordâncias entre os educadores sobre a conceituação de seqüenciamento. O termo aqui é aplicado no sentido do professor se esforçar para ir de um ponto a outro de forma ordenada e contínua, e não, forçosamente, de seguir uma só ordem de seqüência adotada por algum critério.

6 Certa vez, logo que aceitei o cargo de diretora da Escola Pracatum, um colega da universidade disse pra mim, brincando: “Daqui a uns dias você vai chegar aqui na escola pintada de Timbalada e com o cabelo de trancinhas!”.

de financiamentos para os objetivos para os quais ela se propõe. Portanto, não somente é importante atrair as instituições de fomento, mas também mantê-las sempre interessadas e informadas sobre os avanços e os problemas que surgem no caminho. Transparência nas ações administrativas e pedagógicas, é fundamental. Relatórios, prestações de conta, apresentações didáticas, publicações e reuniões de avaliação são muito importantes. O preparo do profissional das ONGs inclui conhecimentos e habilidades relacionados à administração pedagógica, ao acompanhamento e supervisão das atividades didáticas e artísticas, assim como conhecimentos para a confecção de relatórios, programas e currículos de música. Como a avaliação está presente em todo o processo de criação, desempenho e desenvolvimento da proposta, o profissional precisa conhecer as variedades dos processos de avaliação, para usar as técnicas com propriedade durante cada etapa, sem, contudo, desmerecer os trabalhos de cada membro da equipe, e usando a avaliação para o próprio desenvolvimento da instituição.

O processo de adaptação à forma administrativa das ONGs pode ser dificultado por uma formação semelhante à de funcionário público, ou seja, aquela pessoa que se forma e pretende ingressar no mercado através de um concurso linear e que espera encontrar não um trabalho real e criativo, mas apenas um emprego, onde vai estar dentro de um horário padrão, com tarefas específicas e pré-determinadas de maneira rígida e contínua. Gostei do termo apresentado por Cássia, o da “qualificação humanizadora” (p. 1) É preciso refletir sobre os aspectos que demandam posicionamentos humanos e outros que extrapolam as nossas capacidades. Quando a formação do educador musical não oferece meios de análise de vários sistemas de administração e seus problemas, o licenciado pode ter muitos problemas dentro da organização, já que as ONGs, para sobreviverem, muitas vezes extrapolam horários, pois recebem convites de visitantes repentinos, novas oportunidades aparecem e precisam ser aproveitadas. Tudo isso exige muita compreensão e desprendimento dos seus profissionais. Além disso, os problemas do contexto socioeconômico, geralmente, afetam os financiadores e as aberturas de novos contratos. Dessa forma, as crises relacionadas com a manutenção da instituição acontecem principalmente quando existem problemas internos de relacionamento, no ensino ou na administração da entidade. Quando a ONG está em fase inicial, o governo, em geral, tem o papel de cobrar impostos e fiscalizar. Esses impostos são muito altos e reca-

em sobre os recursos captados, principalmente dentro do pagamento de pessoal. Porém quando os trabalhos e os resultados positivos começam a nascer, em geral, o setor governamental quer obter os lucros da visibilidade e se mantém interessado em investir também. Mesmo sabendo que esse interesse é muito bom, o corpo de recursos humanos da ONG precisa estar atento às condições, às intenções e àquilo que ele vai exigir de volta da entidade financiada, para que não entre em choque com a missão inicial. Por essas razões, é tão importante que, dentro das habilidades dos profissionais, esteja a capacidade de análise crítica sobre a estrutura, os objetivos, a missão, os papéis de cada membro, os objetivos a serem alcançados com os alunos da ONG, além das metas a serem alcançadas para cada um dos financiadores.

Para concluir, lembro principalmente das expectativas que existem dentre os empreendedores, os criadores das ONGs, os seus presidentes e conselheiros. A realidade empresarial é muito mais imediatista que a realidade dos cursos superiores nas universidades. Não quero aqui defender uma ou outra, mas, no entanto, lembro a grande necessidade que as pessoas têm de terem o seu emprego. Há alguns anos não se discutia tanto as exigências do mercado, a realidade sociocultural, os aspectos de cidadania, a articulação entre os ambientes escolares e não escolares, os projetos sociais e a relação das artes na comunidade. Observo, portanto, a grande necessidade da discussão das diferentes frentes de trabalho para o educador musical e das formas que ele pode ter de desempenhar as suas diferentes funções com o sucesso que todo ser humano merece ter na sua vida profissional e artística. Concordo que a universidade, além de preparar o aluno para enfrentar as exigências do mercado, o prepara para manter e desenvolver saberes em que o mercado não tem interesse. A universidade precisa também ser prospectiva, e, para isso, prepara o aluno para o presente e para o futuro, embora também tenha um pé no passado. Além da preparação nos cursos superiores, os educadores musicais estão buscando outras formas de aprender a lidar com os vários mercados e indo atrás de quem tem saberes a compartilhar. Isso é muito positivo.

No texto de Froehlich são identificados alguns pontos a serem pesquisados atualmente, e, dentre eles, estão os educadores musicais como corpo profissional decisório e como funcionários públicos e empresários; a relação entre professores de música de escolas públicas, professores de

estúdio e pesquisadores, e a viabilidade de uma agenda de pesquisa como base para a ação de vários educadores musicais. Esse tema não se esgota aqui. A ABEM está fazendo um debate muito produtivo e necessário para o momento atual. É

com grande curiosidade que remeto os temas que abordei neste texto, a partir dos textos das colegas do Fórum, para essa excitante platéia de colegas de profissão, companheiros de trabalho e da missão de educar musicalmente o povo brasileiro.

Referências

- FROELICH, Hilgard C. Issues and characteristics common to research on teaching in instructional settings. In: COLWELL, Richard (Ed.). *Handbook of Research on Music Teaching and Learning*. New York: Schirmer Books, 1992. p. 561-567.
- GROSSI, Cristina. *Atuação profissional: Quais mercados de trabalho?* (Texto-base) Natal: XI Encontro Anual da ABEM, 2002. (Mimeo)
- SOUZA, Cássia Virgínia. *Atuação profissional: Quais mercados de trabalho?* (Texto complementar). Natal: XI Encontro Anual da ABEM, 2002. (Mimeo)